

GUSTAVO BARROSO

Austregésilo de Athayde

Naquele cair da tarde, quando já acabava o crepúsculo e começavam a refrescar as brisas, ali na longa praia que leva à ponta do Mucuripe, apareceu de repente um cavaleiro. Ajustado em seu culote e no alazão, ia pirilipando, e o casco do animal levantava na areia e fazia uma nuvem que o encobriu como se fosse uma aparição. “É João do Norte!” exclamou um dos companheiros, e a voz correu como um frêmito em toda aquela pobre comunidade de adolescentes que se preparava para o sacerdócio. Foi assim que vi Gustavo Barroso pela primeira vez. Ele havia publicado no ano anterior, *Terra do Sol* e tendo apenas vinte e cinco anos, já ocupava um lugar de importância no Governo. Jovem e belo, o triunfo rápido e fácil parecia ser a atmosfera da sua vida. Creio que foi numa quarta-feira de junho de 1914, quando os seminaristas da Prainha iam tomar um pouco de ar fresco na beira do mar. Aos nossos olhos quase infantis, João do Norte, de quem tanto se falava, era como uma divindade que nascia. Dormi, no leito de lona do Seminário, pensando na visão daquela tarde e quem sabe se com inveja do garbo e da glória que tão cedo se encarnavam naquele esplêndido triunfador. Mais tarde, *Praias e Várzeas* foi uma confirmação do bom estilo e do gosto literário do cearense que iria continuar a tradição da sua terra nas letras do Brasil, e depois *Heróis e Bandidos*, publicado quando eu estava ainda na província, mas já fora do Seminário, deu-me a grande medida do escritor regionalista, do senso que possuía do gênio do seu povo, e da natureza agreste e semibárbara em que porfiava para sobreviver. Fui-lhe apresentado aqui no Rio, em 1918, quando me iniciava na imprensa, ali naquela esquina de *O País*, onde todas as tardes, Gustavo se postava para receber os olhares admirados das mulheres e a saudação dos seus confrades. A sua estatura, a sua corpulência, o apuro no trajar, certa insolência que aparentava para os que não o conheciam, marcavam a sua personalidade. Era o que havia de mais contrastante com o consagrado tipo nordestino. Fizemos logo a amizade que mais de quarenta anos consolidaram na estima que sempre lhe consagrei, apesar de, algumas vezes, estarmos em posições ideológicas muito diversas e da agressividade com que ele expunha e defendia as suas idéias políticas. Salvava-se nele a sinceridade com que se batia e sobretudo a fidelidade com que jamais abandonou as suas convicções, apesar da evolução dos tempos e das derrotas sofridas. Nunca o ouvi desmentir-se e sempre que lhe parecia

oportuno confessava que não mudara de posição e aguardava que, no fim, os tempos confirmassem a bondade de suas doutrinas. Foi um grande amoroso do Ceará, do Nordeste, do Brasil. Ninguém estudou os nossos costumes e tradições folclóricas com tanta proficiência e ternura. Pode-se dizer que nesse terreno sabia tudo e bastava provocá-lo para desabrir-se uma torrente de informações e comentários que talvez nenhum outro brasileiro da atualidade pudesse dar e fazer, com tanta graça e abundância. Conhecia como ninguém os segredos da História do Brasil, os fatos miúdos que explicam os grandes acontecimentos, as figuras secundárias que desempenharam, no entanto, o papel principal na sua marcha. Os leitores de *O Cruzeiro* acompanharam-no, anos a fio, na página com a qual nos punha em íntimo contato com homens e cousas que formam o lado curioso e desconhecido da vida brasileira. Era um apaixonado dos nossos heróis e em tudo quanto escrevia o lado patriótico e construtivo jamais era esquecido. A justiça das guerras que fomos obrigados a travar, o quilate superior dos nossos chefes militares e dos grandes estadistas do Império, os segredos dos gabinetes e das alcovas com os quais buscava explicar fatos, atitudes e gestos, foram suas grandes preocupações de escritor, assim como no Museu Histórico que criou e dirigiu, por tantos anos, procurava preservar tudo quanto falasse das grandezas do nosso passado. Agora que o perdemos, estamos vendo quanto era grande o lugar que ocupava no seu tempo. O jovem cavaleiro que vi irromper na praia, faz quase meio século, cumpriu um destino memorável. Tem direito a que a posteridade guarde e venere o seu grande nome.